

À guisa de Introdução: um Panorama Teórico

“Como qualquer campo de estudo científico, a psicologia da personalidade precisa de um modelo descritivo ou taxonomia do seu tema... a taxonomia permitiria que os pesquisadores estudassem domínios específicos das características da personalidade... Além disso, uma taxonomia geralmente aceita facilitaria enormemente a acumulação e comunicação de descobertas empíricas oferecendo um vocabulário ou nomenclatura padronizada... Quase todo pesquisador na área espera, em um ou outro nível, ser aquele a delinear a estrutura que irá transformar a atual babel numa comunidade que fale uma linguagem comum.”

Oliver P. John

(Institute of Personality Assessment and Research,
University of California)

1. Uma Visão da Neurose, do Escurecimento e do Caráter

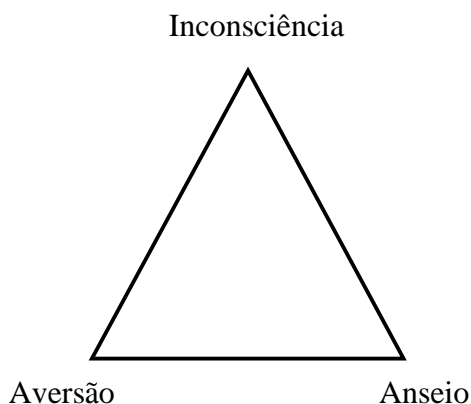
Falarei aqui a respeito da personalidade em geral, bem como do processo do que podemos chamar de degradação da consciência – que tecnicamente se denomina a “teoria da neurose” e que encontra um eco simbólico nas tradições espirituais nas histórias míticas da “queda do paraíso”. Não estabelecerei uma distinção entre a “queda” espiritual da consciência e o processo psicológico de desenvolvimento anômalo.

Quero ressaltar, para começar, que essa degradação da consciência é de tal magnitude, que no final, o indivíduo afetado não sabe a diferença, i.e., não sabe que houve algo como uma perda, uma limitação ou fracasso de desenvolver seu pleno potencial. A queda é tão grande que a percepção começa a ficar cega com relação à própria cegueira, e limitada a ponto de acreditar que é livre. É em vista disso que as tradições orientais freqüentemente usam, com relação à condição comum da espécie humana, a analogia da pessoa que está adormecida – analogia esta que nos convida a imaginar que a diferença entre nossa condição potencial e nosso estado atual é tão grande quanto a condição entre o estado desperto comum e o sonho.

Falar de uma degradação da consciência pressupõe, é claro, a idéia de que o processo da “queda” não é apenas uma queda na “consciência” propriamente dita; ela é também concomitantemente, uma degradação da vida emocional, uma degradação na qualidade da nossa motivação. Podemos dizer que nossa energia psicológica flui diferentemente na condição saudável/iluminada e na condição que chamamos de “normal”. Podemos dizer, imitando Maslow, que o ser humano em pleno funcionamento é motivado pela abundância, enquanto em uma condição subótima, a motivação possui a qualidade de “deficiência”: uma qualidade que pode ser descrita como um desejo de preencher uma lacuna, em vez de um transbordamento a partir de uma satisfação básica.

Podemos dizer que a distinção entre as condições “superior” e a “inferior” não é apenas a de amor abundante versus a de desejo deficiente. Encontramos uma formulação ainda mais completa no budismo como uma explicação da queda humana em função do

que é chamado de os “três venenos”. No diagrama triangular abaixo podemos ver retratada, de um lado a interdependência de uma inconsciência ativa (geralmente chamada de ignorância na terminologia budista) e, do outro, um par de opostos que constituem formas alternativas de motivação de deficiência: inconsciência, aversão e anseio.



Estamos familiarizados com a visão freudiana de que a neurose consiste basicamente em uma interferência na vida instintiva. Freud afirmava que esta frustração básica da criança com relação aos pais era uma frustração “libidinosa”, ou seja, uma interferência com as manifestações iniciais de um desejo sexual pelos pais, principalmente com relação ao do sexo oposto ao da criança. Poucos hoje em dia se dispõem a apoiar essa visão original da psicanálise, e a chamada teoria da libido foi, no mínimo, posta em dúvida. Os psicanalistas modernos, como Fairbairn e Winnicott, concordam em que a origem da neurose é encontrada nos cuidados imperfeitos por parte da mãe e, falando de um modo mais geral, nos problemas de criação. Uma maior importância é atribuída hoje em dia à falta de amor do que à idéia de frustração dos instintos ou, pelo menos podemos dizer, uma maior importância é atribuída à frustração de um contato e de uma necessidade de relacionamento do que às manifestações pré-genitais ou genitais da sexualidade. Não importa como seja, Freud teve o grande mérito de compreender que a neurose era uma coisa praticamente universal, e que ela é transmitida de geração em geração através do processo de criação dos filhos. Foi necessária uma atitude heróica para afirmar isto na época dele, e no entanto agora é lugar-comum dizer que o mundo como um todo está louco, pois isto se tornou extremamente óbvio.

Na visão de alguns documentos espirituais como o Evangelho de São João, encontramos a idéia de que a verdade está. Por assim dizer, de cabeça para baixo no mundo: “A luz estava no mundo, as trevas não a compreendiam.” A tradição sufista encerra um difundido reconhecimento de que o “verdadeiro homem” também é visto como se estivesse de cabeça para baixo, de modo que ele parece um idiota para as pessoas comuns. No entanto podemos afirmar que não é apenas nos casos dos seres heróicos que a verdade é crucificada: ela também o é no caso de cada um de nós.

Não é difícil conceber a noção de que todos fomos feridos e, talvez inconscientemente, martirizados pelo mundo durante a nossa infância, e dessa maneira nós nos tornamos um elo na transmissão do que Wilhelm Reich costumava chamar de uma “praga emocional” que infectava a sociedade como um todo. Esta não é apenas uma visão

psicanalítica moderna: uma maldição que visita geração após geração é algo que já é conhecido desde a Antiguidade. A noção de uma sociedade doente é a essência das antigas concepções indiana e grega da nossa época como a de uma “idade das trevas”, uma “Kaliyuga” – uma era de grande queda a partir da nossa condição espiritual original.

Não estou dizendo que os cuidados da mãe são tudo; os cuidados do pai também são importantes, e eventos posteriores podem ter influenciado nosso desenvolvimento futuro, como está evidente nas traumáticas neuroses de guerra. Os primeiros eventos, como a extensão do trauma do parto, também podem ter efeitos debilitantes sobre o indivíduo. Sem dúvida, a maneira pela qual as crianças são trazidas ao mundo nos hospitais constitui um choque desnecessário, e podemos conjecturar que uma pessoa nascida na penumbra e que não leve um tapa nas costas para estimular a respiração pode estar melhor preparada para resistir às futuras condições traumáticas da vida – assim como a criança que tenha recebido os cuidados adequados da mãe no início da vida pode estar melhor preparada para assimilar a situação traumática dos cuidados paternos inadequados.

Digamos que, utilizando a metáfora de Horney, tenhamos vindo ao mundo como a semente de uma planta que carrega consigo certas potencialidades e que instintivamente também espera certos elementos em seu ambiente, como uma boa terra, água e sol.

A experiência de Harlow com chimpanzés, décadas atrás, demonstrou, por exemplo, que um filhote de macaco não precisa apenas de leite, mas de algo peludo em que possa se agarrar, e que ele pode se transformar num adulto um tanto normal se for posto em contato com uma mãe de imitação coberta de veludo, mas não com uma mãe artificial feita de arame, mesmo que ela tenha uma garrafa no peito.

Sem dúvida, as necessidades humanas para que a criança se transforme num adulto que funcione plenamente são mais complexas, e existem muitas coisas que podem dar errado, ou, dizendo o mesmo de uma maneira alternativa: existem muitas maneiras pelas quais a exigência de um amor suficientemente bom da parte dos pais é frustrada ou traída. Em alguns casos, por exemplo, o auto-envolvimento dos pais pode resultar em negligência, enquanto em outros a necessidade excessiva de mentir da parte dos adultos pode provocar a invalidação da experiência da criança; em outros casos ainda, a ternura pode ser ofuscada pela manifestação da violência, e assim por diante.

Digamos que nosso jeito de ser neste mundo inferior que passamos a habitar depois que fomos expulsos do jardim do Éden – a personalidade com a qual nos identificamos e à qual implicitamente nos referimos quando dizemos “Eu” – é um jeito de ser que adotamos como uma maneira de defender nossa vida e bem-estar através de um “ajustamento”, num sentido amplo do termo, e que geralmente é mais uma rebelião do que um acompanhamento.

Diante da falta daquilo de que precisa, a criança em crescimento precisou manipular, e podemos dizer que o caráter é, a partir de um ponto de vista, um mecanismo contramanipulador.

Neste estado de coisas, portanto, a vida não é guiada pelo instinto, e sim por meio da persistência de uma estratégia de adaptação anterior que compete com o instinto e interfere com a “sabedoria” do organismo, no sentido mais amplo da expressão. A persistência dessa estratégia de adaptação anterior que pode ser compreendida no doloroso contexto no qual ela surgiu e do tipo especial de aprendizado que a sustenta: não o tipo de aprendizado que ocorre espontaneamente no organismo em desenvolvimento, mas um aprendizado sob coação, caracterizado por uma fixidez ou rigidez especial do comportamento a que ele recorreu na situação inicial como uma reação de emergência.

Podemos dizer que o indivíduo deixou de ser livre para aplicar ou não os resultados desse novo aprendizado, e que passou a ser controlado pelo “piloto automático”, pondo em operação uma certa reação instituída sem que a totalidade da mente fosse “consultada” ou a situação fosse criativamente considerada no presente. É essa fixidez de reações obsoletas aliada à perda da capacidade de reagir criativamente no presente que é extremamente característica do funcionamento psicopatológico.

Embora a soma total desse aprendizado pseudo-adaptativo que eu descrevi seja comumente designada nas tradições espirituais como “ego” ou “personalidade” (distinto da essência ou alma da pessoa), creio que é extremamente apropriado dar a ela o nome de “caráter”.

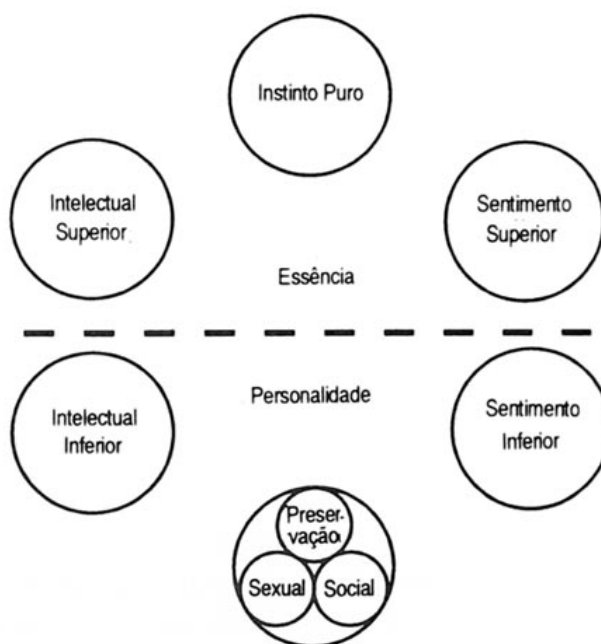
A palavra “caráter” deriva do grego *charaxo*, que significa gravar. Ela faz referência ao que é constante numa pessoa, porque foi gravado nela, e, por conseguinte, aos condicionamentos comportamentais, emocionais e cognitivos.

Enquanto na psicanálise o modelo básico de neurose é o de uma vida instintiva cercada pela atividade de um superego internalizado a partir do mundo exterior, estou propondo aqui que nosso conflito básico e nosso modo fundamental de estar em oposição a nós mesmos consiste em uma interferência com a auto-regulação do organismo através do nosso caráter, como uma parcela dele, que podemos encontrar um superego com seus valores e exigências, bem como um contra-superego (um “pobre-diabo” como Fritz Perls costumava chamá-lo) que é o objeto das exigências e acusações do superego e que pleiteia a aceitação deste último. É nesse “pobre-diabo” que encontramos o referente fenomenológico para o “id” freudiano. No entanto, é questionável interpretarmos seus impulsos vitalizantes como instintivos, uma vez que não é o instinto o único a ser objeto de inibição dentro de nós – como resultado da auto-rejeição entranhada e do desejo de sermos algo diferente do que somos: nossas necessidades neuróticas também o são. As diversas formas de motivação de deficiência, que proporei chamarmos de nossas paixões, nos são proibidas, tanto com relação ao seu aspecto de ganância quanto ao seu aspecto de ódio.

Podemos descrever o caráter como um conjunto de características, e compreender como cada uma delas surgiu como uma identificação com um traço paterno ou materno ou, inversamente, a partir do desejo de não ser como um pai ou uma mãe sob esse aspecto particular. (Muitas de nossas características correspondem a uma identificação com um dos pais, e, ao mesmo tempo, a um ato de rebelião com relação à característica oposta do outro.) Outros traços podem ser compreendidos em função de adaptações mais complexas e contramanipulações. No entanto o caráter é mais do que um arranjo caótico de características. Ele é uma estrutura complexa que pode ser mapeada como uma arborização, onde os comportamentos distintos são aspectos dos comportamentos mais gerais, e onde até mesmo os diversos traços de natureza mais ampla podem ser compreendidos como a expressão de alguma coisa mais fundamental.

A essência fundamental do caráter que estarei formulando aqui possui uma natureza dupla: trata-se de um aspecto motivacional em interação com uma tendência cognitiva – uma “paixão” associada a uma “fixação”. Podemos conceber a posição da paixão dominante e um estilo cognitivo preponderante na personalidade comparando-os com os dois focos de uma elipse, e podemos agora amplificar nossa declaração anterior sobre o caráter *versus* a natureza, referindo-nos ao processo em maior detalhe como *uma interferência da paixão sobre o instinto sob prolongada influência da cognição desvirtuada*.

O mapa da psique apresentado na página seguinte é uma variante gráfica da visão da personalidade oferecida por Oscar Ichazo e é, de várias maneiras, semelhante ao proposto por Gurdjieff. De acordo com as duas perspectivas, a personalidade humana (no sentido do caráter) compreende cinco “centros”. No entanto, um ser humano plenamente desenvolvido despertou em si mesmo o funcionamento de dois centros superiores, que recebem os nomes de “emocional superior” e “intelectual superior”. Enquanto Gurdjieff se referia a um centro intelectual inferior ou ordinário, um centro de sentimento inferior e um centro de movimento inferior, Ichazo freqüentemente chamava esse centro de movimento de “instintivo”, e, de acordo com a perspectiva que ele afirmava transmitir, esse centro instintivo está, por sua vez, dividido em três.



Hoje em dia, a teoria do instinto do comportamento de Freud foi gravemente criticada na psicologia. Primeiro, o desenvolvimento da etiologia foi um incentivo para que se estabelecesse uma distinção para o instinto no comportamento animal (com seus mecanismos de liberação e seu padrão de expressão altamente fixo) e qualquer coisa que pudesse ser chamada de instinto na vida humana. A seguir, as idéias de Adler, Horney, Klein e outros teóricos da relação objeto acabaram por fazer com que parte do mundo psicanalítico não apenas se voltasse contra o biologismo de Freud como também se afastasse da teoria da libido em particular.¹ Fritz Perls, que pode ser considerado um novo freudiano tendo em vista seu treinamento com Reich, Horney e Fenichel, pareceu estar seguindo o espírito da época ao trocar a linguagem instintiva pela linguagem cibernética em seu conceito de autorregulação do organismo.

¹ Embora Guntrip não considere o impulso em direção ao relacionamento como um instinto, outros o consideram. Model, por exemplo, faz referência a duas classes de instinto: os instintos sexuais e agressivos do id e o recém-reconhecido instinto da relação objeto do ego.

Contrastando com essa tendência de abandonar a noção do instinto na interpretação do comportamento humano, a visão apresentada aqui não apenas envolve uma teoria do instinto – pelo menos ela cede ao instinto um terço da arena psicológica – como também coincide com a noção psicanalítica da neurose como uma perturbação dos instintos – e, inversamente, a cura como um processo de liberação instintiva. Ao contrário das duas teorias do instinto de Freud e também ao contrário da visão de Dollard e Miller do comportamento em função de uma grande multiplicidade de impulsos, a teoria aqui proposta reconhece três instintos e metas básicos por trás da multiplicidade da motivação humana (sendo a motivação puramente espiritual excluída): a sobrevivência, o prazer e o relacionamento. Creio que embora alguns (como os gestaltistas) possam preferir hoje em dia empregar a linguagem cibernética e dizer que a neurose implica uma perturbação da autorregulação do organismo, poucos questionariam a grande importância do sexo, da preservação e do impulso do relacionamento, bem como da centralidade conjunta destes como metas penetrantes de comportamento. Embora a interpretação de Marx da vida humana enfatizasse o primeiro, Freud o segundo, e os teóricos atuais da Relação Objeto o terceiro, não creio que qualquer pessoa tenha abraçado uma perspectiva que integre explicitamente esses três impulsos fundamentais.

Ao contrário das religiões tradicionais, que implicitamente igualam o domínio instintivo à esfera das paixões, a noção atual do estado mental ótimo como um estado que encerra um instinto livre ou liberado é uma noção para a qual o verdadeiro inimigo na “Guerra Santa”, tradicionalmente determinada contra o falso eu ou eu inferior, não é o animal interior, e sim a esfera da motivação de deficiência: a dos impulsos “apaixonados” que contaminam, reprimem e se colocam no lugar do instinto (bem como os aspectos cognitivos do ego que, por sua vez, sustentam as paixões).

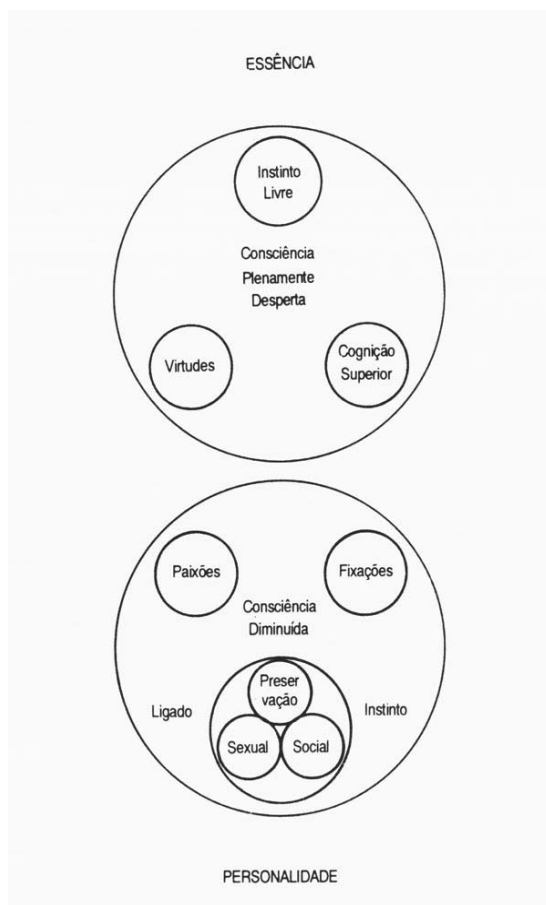
Como pode ser visto no mapa, os aspectos cognitivos e emocionais da personalidade são representados como operando em duas modalidades alternativas, de acordo com o nível de percepção, enquanto o centro instintivo é representado uma única vez. Isso pode ser encarado como uma convenção questionável, vista que entende-se que o instinto também pode se manifestar de duas maneiras contrastantes, ou como um instinto acorrentado dentro dos canais fornecidos pelo ego ou num estado de liberdade onde o instinto é encarado como pertencente à essência propriamente dita.²

Aquele que está familiarizado com o uso da “essência” no sufismo compreenderá o referente dessa palavra como sendo esse aspecto mais profundo da consciência humana, que existe “em Deus” e se torna manifesto para o indivíduo depois da aniquilação (*faná*), mas que pode achar esse significado incoerente com o atual mapeamento dos atributos distintos da essência como os estados que pertencem à esfera do intelecto superior, do sentimento superior e do instinto. A contradição desaparece se estabelecermos uma distinção entre a consciência propriamente dita e o funcionamento da mente no estado consciente (distinto dos estados egóicos). Quando a essência é usada nesse sentido, contudo, precisamos tomar cuidado para não reificar a essência, e posso repetir aqui o que escrevi em *Ennea-type structures*:

² Embora eu tenha dito em *Ennea-type Structures* que o instinto puro pode ser mapeado como três pontos em contraste com a representação do instinto relacionado como três eneagramas, devo citar Ichazo, que afirma que, embora isso seja assim na absorção meditativa, na atividade da expressão da essência na vida ele pode ser mapeado como um eneagrama no qual estão combinados os três triângulos centrais dos eneagramas dos instintos.

“A mais ampla distinção no corpo da Psicologia do Quarto Caminho que procuro descrever encontra-se entre ‘essência’ e ‘personalidade’ – entre o ser real e o ser condicionado com o qual habitualmente nos identificamos; entre a mente superior e a inferior. Enquanto Gurdjieff falava de personalidade, Ichazo falava do ego – mais de acordo com a recente utilização (viagem do ego, morte do ego, transcendência do ego, e assim por diante) do que com o significado atribuído ao ‘ego’ na atual psicologia do ego. A distinção é semelhante à proposta hoje em dia por Winnicott entre o ‘eu real’ e o ‘falso eu’; no entanto, pode ser enganador falar de essência, da alma, do verdadeiro eu ou do atmã como se a referência fosse algo fixo e identificável. Em vez de falar da essência como uma coisa, portanto, deveríamos pensar nela como um processo, uma maneira destituída de ego, não obscurecida e livre de *funcionar* da totalidade humana integrada.”

Assim, podemos dizer que o “mapa da psique” apresentado acima só estará completo se afirmarmos que ele também mapeia o espaço no qual existem os centros da personalidade e da essência – espaço esse que pode ser tomado como um símbolo apropriado para a própria consciência. Como a percepção no contexto no qual podemos dizer que “os centros inferiores” existem está degenerada, eu a sombrei no mapa modificado da Figura 3, enquanto os três “centros superiores”, ao contrário, estão demarcados dentro de um círculo branco, para transmitir a noção da trindade na unidade, característica do Quarto Caminho e da tradição cristã em geral.



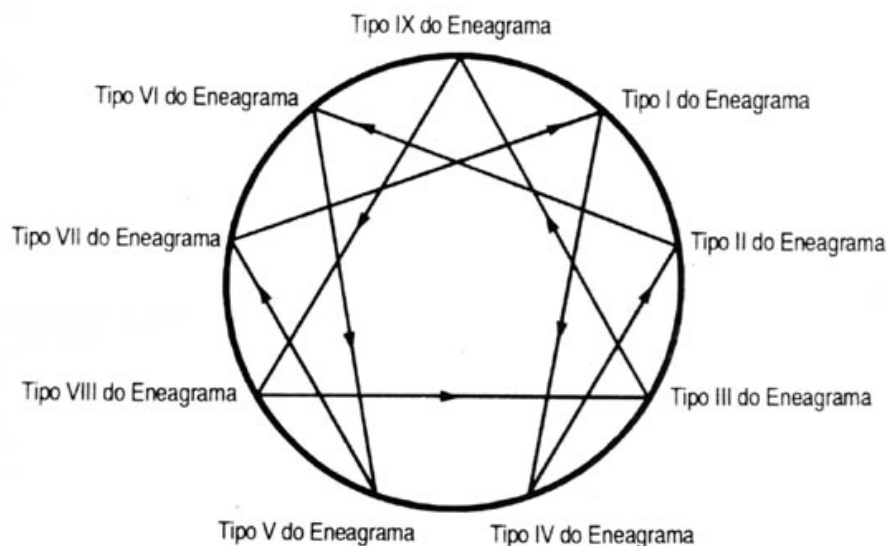
2. Os tipos de caráter

Aqueles familiarizados com o trabalho de Gurdjieff saberão como era importante nesta abordagem do “despertar” o aspecto do autoconhecimento, que consiste no discernimento da “principal característica” da pessoa, i.e., uma característica penetrante da personalidade que poderia ser compreendida como seu centro (de um modo bastante semelhante ao que Cattell e outros entendem como “traços fundamentais”, cada um dos quais é concebido como a raiz de uma árvore de traços). A perspectiva aqui apresentada vai mais além ao afirmar que o número de possíveis “características principais” não é ilimitado – e sim idêntico ao número de síndromes básicas da personalidade. Além disso, estaremos falando de duas características centrais em cada estrutura de caráter, como sugerido acima: uma, a característica principal propriamente dita, que consiste em uma maneira peculiar de distorcer a realidade, i.e., um “defeito cognitivo”; a outra, na natureza de uma tendência motivacional, uma “paixão governante”.

Podemos pensar que o caráter pode ser estruturado ao longo de um número distinto de maneiras básicas que resultam na ênfase relativa de um ou outro aspecto da nossa estrutura mental comum. Podemos dizer que o “esqueleto mental” que todos compartilhamos é como uma estrutura que pode, como um cristal, se dividir num certo número de maneiras predeterminadas, de modo que, entre o conjunto das principais características estruturais, qualquer indivíduo considerado (como resultado da interação entre fatores constitucionais e situacionais) termina com uma ou outra em primeiro plano da personalidade – enquanto as características remanescentes situam-se num segundo plano mais próximo ou mais remoto. Podemos também utilizar a analogia de um corpo geométrico que repousa sobre uma outra faceta; todos compartilhamos uma personalidade, com as mesmas “faces”, lados e vértices, porém (na linguagem da analogia) diferentemente orientadas no espaço.

De acordo com essa perspectiva, existem nove tipos básicos de caráter (ao contrário dos três de Sheldon, dos quatro temperamentos de Hipócrates, dos cinco tipos bioenergéticos de Lowen e das cinco dimensões de alguns factorialistas modernos, por exemplo). Cada um desses tipos existe, por sua vez, em três variedades, de acordo com a intensidade dominante dos impulsos de autopreservação, sexuais ou sociais (e a presença de traços específicos que são consequência de uma distorção “passional” do instinto correspondente, que é “canalizado” e “acorrentado” sob a influência da paixão dominante do indivíduo).³ Existem, é claro, nove paixões dominantes possíveis, e cada uma está associada a uma distorção cognitiva característica, bem como a uma, duas ou três características mentais derivadas da esfera instintiva, como acabo de descrever.

³ Não abordarei os 27 subtipos no presente volume, a não ser de maneira limitada, no caso das variedades de caráter desconfiado – vista que as formas do tipo VI do eneagrama são tão diferenciadas que falar delas de um modo geral obscureceria suas características diferenciais não menos surpreendentes.



Os nove tipos de caráter examinados não constituem simplesmente uma coleção de estilos de personalidade. Trata-se, ao contrário, de um conjunto de estruturas de caráter *organizadas*, com relacionamentos, contrastes, polaridades e outras relações observados entre elas. Essas relações são mapeadas de acordo com a estrutura geométrica tradicional denominada “eneagrama”.⁴ Analogamente, falarei a respeito dos tipos do eneagrama – uma forma abreviada de “tipo de personalidade segundo o eneagrama”.

Uma das aspirações da psicologia moderna tem sido organizar as síndromes caracterológicas conhecidas no que foi chamado de modelo circunplexo. “Durante mais ou menos os últimos 30 anos, vários pesquisadores se empenharam em demonstrar que a melhor maneira de representar a estrutura dos traços de personalidade, quando definida pelo comportamento interpessoal de um indivíduo, é em função desse modelo circunplexo”.⁵ Trata-se de um continuum circular (mostrado na Figura 5) com os tipos de caráter adjacentes sendo mais semelhantes, enquanto as oposições ao longo do círculo correspondem a bipolaridades; o eneagrama, ao contrário, enfatiza a tripolaridade. Leary propôs um modelo circunplexo em relação ao seu sistema interpessoal, e Schaefer propôs

⁴ Em Fragmentos de um ensinamento desconhecido, Ouspensky cita Gurdjieff, dizendo que o ensinamento que ele apresentou era completamente autônomo, independente de outros caminhos (como a Teosofia ou o Ocultismo ocidental), e que este ensinamento permanecera oculto até sua época. Ele continua dizendo que, à semelhança de outros ensinamentos que utilizam o método simbólico, este também o faz, e que um de seus principais símbolos é o eneagrama. Este símbolo, que consiste de um círculo dividido em nove partes por pontos que estão ligados entre si por nove linhas que seguem um padrão determinado, expressa a “lei de sete” e sua ligação com a “lei de três”. No mesmo livro Ouspensky cita Gurdjieff como tendo dito que, de um modo geral, o eneagrama precisa ser refinado como um símbolo universal, e que cada ciência pode ser interpretada através dele, e que, para alguém que saiba como usá-lo, o eneagrama torna inúteis os livros e as bibliotecas. Se uma pessoa sozinha no deserto desenhasse na areia o eneagrama, ela poderia ler as leis eternas do universo, e a cada vez ela aprenderia algo novo que ignorava completamente até então. Ele também diz que a ciência do eneagrama foi mantida em segredo durante um longo tempo, e agora está mais ao alcance de todos, mas apenas de uma maneira incompleta e teórica, que é praticamente inútil para uma pessoa que não tenha sido instruída por alguém que domine essa ciência.

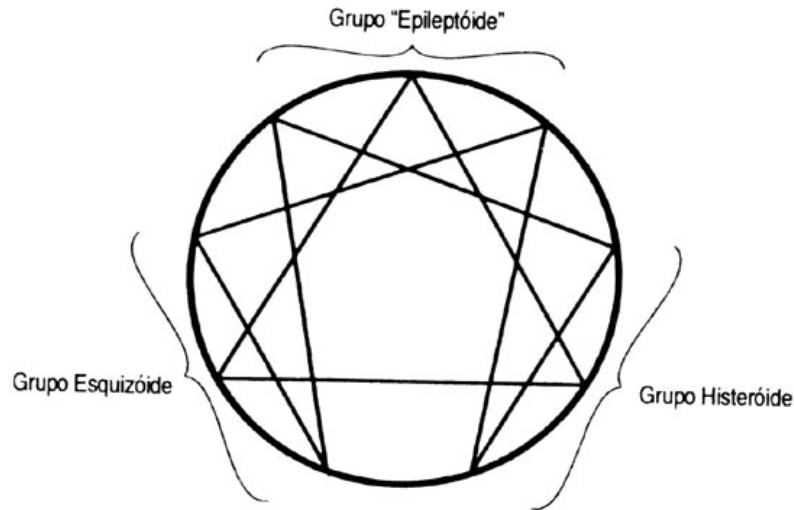
⁵ Cooper, Arnold M., Allen J. Francês e Michael H. Sacks, *Psychiatry, Vol 1, The Personality Disorder and Neurosis* (Nova York: Basic Books, 1990). Uma literatura sobre os modelos circunplexos citados neste parágrafo, bem como sobre o modelo da Figura 5, pode ser encontrada nesta mesma coleção.

outro como a maneira de organizar os dados resultantes de seus estudos das interações entre pais e filhos. Lorr e MacNair relataram um “círculo de comportamento interpessoal”, resultante de uma análise de fatores da avaliação de clínicos sobre vários tipos de comportamento interpessoal – o que foi interpretado como refletindo nove agrupamentos de variáveis. Além desses modelos circunplexos derivados teoricamente, Conte e Plutchik demonstraram que um modelo circunplexo mapeia o principal domínio das características interpessoais da personalidade. Através de dois métodos diferentes, em que um é uma análise de avaliações semelhantes de termos e o outro uma aplicação de uma análise de fatores a avaliações diferenciais semânticas de termos, eles produziram uma idêntica ordenação circular empírica de termos, com base no carregamento deles dos dois primeiros fatores. Um estudo Posterior realizado pelos mesmos autores examina os conceitos de diagnóstico de distúrbios de personalidade DSM II. Eles descobriram que estes também podiam ser dispostos numa ordem circunplexa relativamente semelhante à resultante do estudo de 1967.



Uma estrutura circunplexa do DSM III, os distúrbios de personalidade baseados na graduação da semelhança direta e na semelhança do perfil diferencial semântico.

Talvez o esquema retratado na Figura 6 abaixo seja o modelo circunplexo mais convincente até aqui. Concordando também com a opinião atual em função do agrupamento das síndromes do DSM III, a presente caracterologia reconhece três grupos fundamentais: o grupo esquizóide, com uma orientação voltada para o pensamento (que denominarei aqui de tipos do eneagrama V, VI e VII), o grupo histeróide, com uma orientação voltada para o sentimento (tipos do eneagrama II, III e IV) e outra estrutura corporal (que Kretschmer poderia ter chamado coletivamente de epileptóide) formada por indivíduos cuja constituição encerra a ectomorfia mais baixa e são predominantemente voltados para a ação.



Passo a fazer agora uma breve descrição dos nove tipos básicos de caráter, de acordo com a numeração padrão atribuída aos pontos situados ao longo do círculo do eneagrama.

O primeiro tipo de estilo de personalidade (um estilo neurótico, é claro) é, de acordo com esta perspectiva, ao mesmo tempo suscetível e bem-intencionada, correta e formal, pouco espontânea e voltada para o dever em vez de para o prazer. Essas pessoas são exigentes e críticas com relação a si mesmas e aos outros, e prefiro chamá-las de perfeccionistas em vez de atribuir-lhes um rótulo psiquiátrico – embora a síndrome corresponda à personalidade obsessiva no DSM III. Enquanto no caso de cada um dos tipos do eneagrama constatamos que ela coincide com uma conhecida síndrome clínica, também é verdade que todo mundo pode ser encarado como portador de uma ou outra orientação da personalidade, e que cada uma pode ser vista em níveis específicos que vão da complicação psicótica aos mais sutis resíduos da infância na vida dos santos.

O tipo II do eneagrama corresponde à personalidade histriônica do DSM III, e eu o caracterizei, nesta caracterologia do Quarto Caminho, através do paradoxo de uma generosidade egocêntrica. Os indivíduos representativos são geralmente hedonísticos, despreocupados e rebeldes diante de qualquer coisa rígida ou que restrinja sua liberdade. Quando meu primeiro grupo em Berkeley foi criado, um aluno, o Dr. Larry Efron, sintetizou os tipos de caráter numa colagem de caricaturas de William Steig, com a qual ele me presenteou durante uma festa de aniversário. Na colagem das caricaturas de Steig, o tipo II é representado por uma figura apalhadada que contrasta com o vigoroso alpinista que representa o esforçado e obsessivo tipo I.

Curiosamente, o tipo III do eneagrama não é encontrado no DSM III, apesar de representar o mais americano dos tipos de caráter (como observa Fromm, com relação ao que ele chamava de “orientação para o mercado”). Concordo com a insatisfação de Kernberg com relação à inclusão de uma forma de personalidade histérica, diferente da histriônica, no sentido de que o indivíduo representativo não é incongruente ou imprevisível em suas reações emocionais e revela muito mais controle, bem como lealdade e a capacidade para manter envolvimento emocional sistemáticos. Se o termo histérico também não fosse coloquialmente designado para designar a personalidade excessivamente dramática e por demais impulsiva do tipo IV, poderíamos recomendar que tanto os termos histéricos quanto histriônicos fossem incluídos numa futura revisão do *Diagnostic and*

Statistical Manual americano. Percebo que a maioria dos exemplos clínicos de Lowen em seu livro sobre *Narcissism* são indivíduos do tipo III – no entanto, a palavra “narcisista”, que também foi empregada por Horney para descrever o caráter, parece inapropriada em virtude da utilização alternativa. Esta é a disposição caracterológica observada por Riesman, que a discutiu sob o aspecto da orientação para o outro. No eneagrama das caricaturas, o tipo III é representado por um médico, que simboliza o sucesso, a respeitabilidade e o *know-how* profissionais. Os indivíduos do tipo III buscam a apreciação dos outros através da realização, da eficácia e da aceitação social, são ao mesmo tempo controladores e controlados e representam um dos tipos de caráter mais alegres do eneagrama.

O tipo IV é representado na caricatura de Steig através de uma imagem que evoca a vítima sofredora das circunstâncias da vida e das pessoas. Isso corresponde à personalidade autoderrotista incluída na revisão do DSM III. Ele também corresponde ao que Horney costumava chamar de caráter masoquista, no qual existe uma auto-imagem insatisfatória, uma disposição de sofrer mais do que o necessário, uma grande dependência do amor dos outros, uma sensação crônica de rejeição e uma tendência para a insatisfação.⁶

A caricatura do isolamento no ponto 5 é apropriada para uma disposição que pode ser considerada como o estilo interpessoal que emerge da capacidade de retenção e a sustenta. Isso corresponde à personalidade esquizóide do DSM III e aos indivíduos que não apenas têm poucas relações mas que não se sentem solitários em seu isolamento, que procuram minimizar suas necessidades, são tímidos e têm uma grande dificuldade para expressar sua raiva.

O guerreiro no ponto 6 também transmite uma conotação aparentemente muito diferente do medo, mas no entanto faz alusão a uma beligerância surgida do medo da autoridade e sustentada através de um evitar (contrafóbico) da experiência do medo. Não obstante, a imagem do guerreiro só é uma caricatura apropriada de alguns indivíduos do tipo VI do eneagrama, e não dos abertamente fracos e temerosos. Os subtipos são muito diferenciados nos tipos VI do eneagrama, de modo que estes abrangem, junto com a personalidade esquiva do DSM III, também o paranóico, outra forma de caráter suspeitoso com características mais obsessivas, como será discutido no capítulo apropriado.

O tipo VII corresponde ao caráter oral-receptivo ou oral-otimista de Karl Abraham e é imitado hoje no DSM III pela síndrome narcisista. O indivíduo típico exhibe despreocupação, uma sensação de merecimento, uma tendência para o prazer e uma atitude estratégica mais consciente na vida do que a maioria dos outros tipos de caráter. Em vez de cabeça, a figura caricaturada no ponto 7 parece ter uma rede elétrica. Isso sugere que ela vive envolta em fantasias e tem a tendência de esquecer o mundo real, absorvendo-se em planos e projetos.

O tipo VIII corresponde ao fálico-narcisista de Reich e é repetido hoje no DSM III nas personalidades anti-social e sádica. A pessoa que pertence a esse grupo é voltada para o poder, a dominação e a violência. No ponto 8, vemos a caricatura de alguém que está de pé numa plataforma a fim de falar com as pessoas de uma maneira superior, ou melhor, de discursar para elas com uma voz forte e poderosa. A caricatura é apropriada, embora deixe de incluir a representação de um comportamento sádico.

⁶ Como será visto, acredito que a personalidade limítrofe *stricto sensu* corresponde a uma complicação da mesma coisa.

No ponto 9, a figura está sentada como é adequado a uma representação da preguiça, e todo o desenho sugere umas férias à sombra de uma palmeira numa praia tropical. Apesar de adequada à representação da preguiça no sentido convencional, a figura não faz alusão à preguiça psicológica da pessoa que não quer olhar para si mesma, nem à característica da adaptação excessiva e resignada do tipo IX. Na classificação do DSM III, o tipo IX corresponde à personalidade dependente – embora o nome não seja muito apropriado, vista que a dependência é compartilhada por várias personalidades, e não creio que ela constitua o núcleo da estrutura de caráter do tipo IX, que também é resignado, autoprotelador, gregário e adaptável.⁷

Em vez de ilustrar os tipos de caráter com as caricaturas acima descritas, cuja essência pode ser traduzida em palavras, apresentai na Figura 7 – como uma informação adicional – um desenho de Margarita Fernandez que transmite algumas das características da constituição e dos gestos dos tipos do eneagrama.



Colocar as síndromes caracterológicas num círculo implica afirmar que existem relacionamentos vizinhos entre eles – e isso pode ser prontamente observado, mas não descreveria completamente a situação, vista que os tipos de caráter adjacentes também são contrastantes de algumas maneiras. Por exemplo, enquanto o tipo I é rígido, o tipo II não tolera a rigidez, e enquanto o tipo II é impulsivo, o tipo III é controlado. O tipo III, por sua vez, é feliz e o tipo IV é triste, emocional e apegado, e o tipo V é intelectual e despagado; e assim por diante. No entanto quando consideramos apenas a esfera das paixões, cada uma delas pode ser compreendida como híbrido das duas que lhe são adjacentes.

De um modo geral, a pessoa que personifica qualquer um dos nove tipos de caráter pode facilmente ver em si mesma os dois tipos adjacentes no mapa. Assim um indivíduo do tipo III do eneagrama, cuja vida é organizada para agradar e ter sucesso, pode compreender com coerência seu comportamento na vida a partir das perspectivas dos tipos II e IV, respectivamente; analogamente uma pessoa do tipo IV do eneagrama pode compreender

⁷ DSM-III-R

sua experiência como a do tipo III frustrado, ou interpretar suas ações e sentimentos a partir do ponto de vista do apego e de uma sensação de empobrecimento, como no caso do indivíduo esquizóide.

Mais genericamente, é claro, a vida ou a experiência de cada pessoa pode ser interpretada a partir de qualquer uma das nove perspectivas, de modo que a perspectiva que vê o medo atrás de tudo – extremamente central no pensamento psicanalítico – tem sido considerada como universalmente aplicável através de décadas de experiência. No entanto, sem dúvida, algumas interpretações atingem o alvo mais facilmente em alguns tipos de caráter, enquanto outras são comparativamente mais remotas.

Embora a interpretação que enfatiza a paixão dominante e a perspectiva cognitiva típicas de cada um dos pontos do eneagrama seja mais adequada, podemos dizer que os adjacentes vêm em segundo lugar – particularmente aquele que se situa no canto do triângulo central do mapa. Assim, a preocupação com a auto-imagem ou narcisismo está ainda mais perto do que a característica esquizóide como uma base de interpretação para o tipo IV. Analogamente no caso do tipo VII do eneagrama, podemos dizer que se trata de um caráter baseado no medo e pertencente ao grupo esquizóide.⁸ No entanto, ele também está fortemente relacionado com o caráter vingativo em suas características impulsivas, rebeldes e hedonísticas.

O tipo VIII do eneagrama, por outro lado, possui uma mente essencialmente preguiçosa (tipo IX), embora seu evitar da interioridade esteja encoberto pela típica intensidade com a qual o indivíduo procura fazer-se sentir vivo, escapando da sensação de apatia que acompanha sua falta de interioridade.

Os tipos de caráter posicionados nos cantos seis e nove do eneagrama estão situados, como no ponto três, entre uma polaridade. Ao mesmo tempo que existe uma polaridade de tristeza e felicidade no canto do lado direito (IV e II), existe uma polaridade de alheamento e expressividade no lado esquerdo (V – VII), e uma de amoral ou antimoral e excessivamente moral na parte superior (VIII – I).

Podemos dizer que as relações indicadas pelas setas que ligam os pontos do triângulo interior do eneagrama, bem como aquelas que ligam o restante dos pontos na seqüência 1, 4, 2, 8, 5, 7 e 1, correspondem a relações psicodinâmicas, quando o eneagrama é visto como um mapa da mente do indivíduo, como será explicado quando tratarmos do eneagrama das paixões. Quando o mapa representa um conjunto de tipos de caráter, podemos considerá-los como indicando a presença oculta daquele que o precede no fluxo, o que não é visível quando consideramos o eneagrama das paixões que constituem as disposições de motivação por trás dos tipos de caráter (ver abaixo).

Além dos relacionamentos de vizinhança e aqueles demarcados pelas linhas no “fluxo interno” do eneagrama, também podemos ver relações de oposição no eneagrama: à semelhança do que acontece com os tipos I e V, os tipos VIII e IV também se colocam em extremidades opostas numa linha reta, o mesmo ocorrendo com os tipos VII e II ao longo do eixo horizontal.

Chamo o eixo I-V do eneagrama de “anal”, considerando que tanto o caráter esquizóide quanto o obsessivo-compulsivo podem ser considerados “anais” sob os aspectos das descrições de Freud e Jones, o que discuto no primeiro e segundo capítulos deste livro, respectivamente.

⁸ No sentido mais amplo do termo – distinto do uso do esquizóide especificamente para o tipo V do eneagrama.

Por outro lado chamo o eixo IV-VIII de oral-agressivo, em memória de Karl Abraham, pois por mais verdadeiro que possa ser o fato de que é principalmente o tipo IV frustrado e lamuriante que tem sido chamado de oral-agressivo, as características do tipo VIII do eneagrama, merecem igualmente a denominação.⁹

Analogamente, chamo o eixo II-VII de oral-receptivo, pois por mais verdadeiro que seja o fato de que é o tipo VII que melhor corresponde ao oral-otimista de Abraham, os histriônicos não apenas são “edipianos”, como também oral-receptivos.

Em contradistinção aos tipos de caráter até aqui discutidos, creio que os tipos VI e III do eneagrama podem ser chamados de fálicos – embora todos os outros, com exceção do tipo VI contrafóbico, também possam ser considerados como fálicos inibidos. Já o tipo III, em sua arrogância, é uma versão oposta, “excitada” da disposição fálica.

Eu não disse nada a respeito do tipo IX do eneagrama sob o aspecto de possíveis ecos das síndromes pré-genitais e das primeiras tendências genitais. Esse é um caráter que pode muito bem ser chamado de pseudogenital, porque na maioria dos casos ele parece menos patológico do que os outros, essencialmente ajustado, contente, amoroso e trabalhador. Trata-se de um caráter que imita a saúde mental (e, por conseguinte, o sentido original da palavra “genital”). A história do tipo IX é a de um indivíduo que cresceu rápido demais, que amadureceu sob pressão, perdendo a infância. Ao lado dessa maturidade excessiva, porém, estende-se na experiência do indivíduo, logo abaixo do limiar da percepção ordinária, uma disposição regressiva mais profunda e arcaica do que a dos estágios pré-genitais – um desejo profundo por parte da pessoa de permanecer no útero da mãe e a sensação de nunca ter saído. Os tipos I e VIII também estão relacionados no eneagrama como imagens especulares um do outro, um de cada lado do ponto IX. Eu os caracterizei, quando falei dos tipos de caráter vizinhos ao tipo IX, como antimorais e excessivamente morais, mas é preciso ainda dizer que eles compartilham uma disposição ativa. Do mesmo modo, os tipos V e IV na parte inferior do eneagrama apresentam um contraste agudo (podemos chamá-los de intenso e fleumático), mas contudo também são semelhantes em sua fragilidade, hiper-sensibilidade e retraimento. Os tipos II e VII do eneagrama, que discutimos como duas formas de uma disposição oral-receptiva, também podem ser considerados um terceiro par, junto com o I-VIII e o V-IV, no sentido de que eles são essencialmente expressivos (em vez de ativos e introvertidos).

De um modo geral, podemos falar de um lado direito e um lado esquerdo do eneagrama em simetria ao redor do ponto 9, e vemos que o lado direito é mais social e o esquerdo anti-social; ou, em outras palavras, existe mais sedução no lado direito e mais revolta no esquerdo. Não tenho nenhuma dúvida de que, pelo menos no mundo ocidental, existe uma predominância de homens no lado esquerdo e de mulheres no direito, embora alguns tipos de caráter sejam mais diferenciados sob o aspecto do coeficiente do sexo. Enquanto o I e o III são mais comuns entre as mulheres, eles são bem menos femininos sob o aspecto da associação do que os tipos II e IV. No lado esquerdo, o caráter mais distintamente masculino é o VIII.

Um forte contraste pode ser percebido entre os tipos de caráter dos pares VII-IV e V-II. No primeiro caso trata-se de um contraste entre um caráter feliz e um caráter triste, e no segundo, um contraste entre um frio alheamento e uma intimidade calorosa.

⁹ Deve ser observado que Fritz Perls, que tanto enfatizou a deliberação e a agressão oral, era pessoalmente o tipo fálico-narcisista, vingativo.

Finalmente, existe um contraste a ser observado entre as partes de cima e de baixo do eneagrama. Enquanto o tipo IX, no topo, representa um máximo do que chamei de extroversão defensiva – i.e., um evitar da interioridade – que caminha de mãos dadas com o contentamento, a parte inferior do eneagrama representa um máximo de interioridade, bem como o descontentamento. Podemos dizer que aqueles que se encontram na parte de baixo do eneagrama nunca se sentem suficientemente bem ou satisfeitos, acham que são um problema e também são identificados como patológicos pelo mundo exterior, enquanto o tipo IX ocupa uma posição na qual é extremamente improvável que o indivíduo gaça de si um problema ou pareça patológico para os outros. Existe, no entanto, uma característica comum que liga o tipo IX tanto ao tipo IV quanto ao V: a depressão. Entre os tipos IX e IV, a depressão propriamente dita é o elemento comum.¹⁰ O tipo V do eneagrama também pode ser considerado deprimido, sob o aspecto da apatia e da infelicidade, mas o elemento comum mais visível entre os tipos IX e V é o da resignação: a desistência do relacionamento no caso do V, a resignação sem a perda externa do relacionamento em IX (uma resignação da participação), que confere ao caráter sua disposição autoproteladora e abnegada.

3. A essência Dinâmica da Neurose

Tomando como certo que a deterioração emocional é sustentada por um distúrbio cognitivo oculto (fixação), passarei agora a examinar a esfera das paixões, i.e., a esfera dos principais impulsos motivados pela deficiência que animam a psique. É lógico começar por eles porque, segundo a tradição, eles representam a primeira manifestação do nosso processo de queda na infância. Embora seja possível reconhecer a predominância de uma ou outra dessas atitudes nas crianças entre 5 e 7 anos, é somente por volta dos 7 anos de idade (Um estágio bastante conhecido dos psicólogos do desenvolvimento, de Gesell a Piaget) que um apoio cognitivo para essa predisposição emocional se cristaliza na psique.

A palavra paixão há muito encerra uma conotação doentia. Desse modo, em *Anthropologie*, Kant diz que “A emoção é como a água que rompe um dique; a paixão como uma torrente que torna seu leito cada vez mais fundo. A emoção é como a embriaguez que nos faz adormecer; a paixão é como uma doença resultante de uma constituição defeituosa ou de um veneno”.

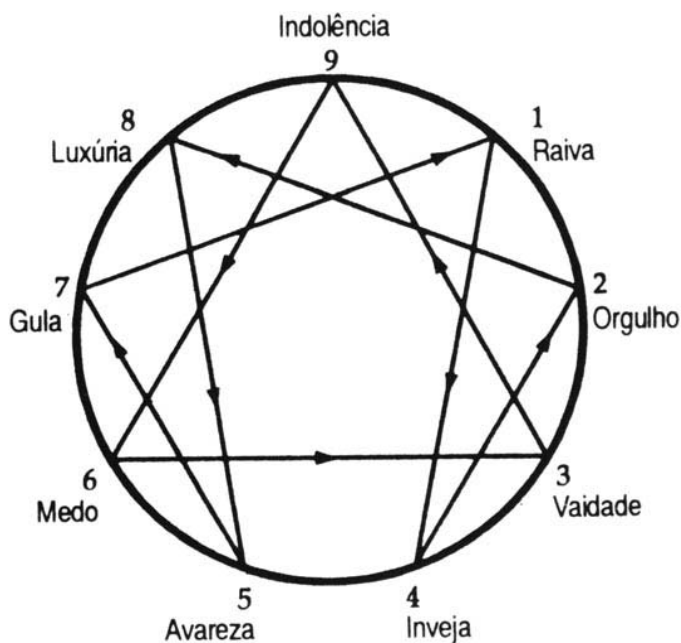
Creio que outros motivos que levaram as paixões a serem consideradas pouco sucessivas da sua natureza ansiosa. Podemos dizer que elas são facetas de uma “motivação de deficiência” básica. O uso da linguagem maslowiana, contudo, não precisa nos deixar cegos com relação à adequabilidade da noção psicanalítica de oralidade: As paixões podem ser vistas como um resultado de retermos como adultos um número excessivo das atitudes que todos compartilhamos no seio, isto é, a de um ser preso numa posição que ocorrem um sugar e morder excessivos diante do mundo.

A palavra “paixão” não apenas é apropriada para as emoções inferiores porque elas existem em interdependência com a dor (pathos), mas por causa da sua conotação de

¹⁰ Com o tipo IX do eneagrama sendo a base mais comum da depressão endógena e o tipo IV do eneagrama se expressando mais freqüentemente como depressão neurótica.

passividade. Pode-se dizer que estamos sujeitos a elas como agentes passivos em vez de agentes livres – como afirmou Aristóteles a respeito do comportamento virtuoso e da psicologia moderna da saúde mental. As tradições espirituais geralmente concordam com relação a uma possível não identificação da esfera apaixonada possibilitada pela intuição da transcendência.¹¹

A inspeção do eneagrama das paixões na figura 8 mostra que três delas (nos pontos 9, 6 e 3) ocupam uma posição mais central do que as outras. Além disso, por causa do simbolismo do eneagrama, segundo o qual os diferentes pontos ao longo dele correspondem a graus e intervalos na escala musical, a preguiça psicoespiritual, no topo, se coloca como a mais fundamental de todas – sendo, por assim dizer, o “fazer” das paixões.



O fato de esses três estados mentais estarem demarcados nos vértices do triângulo do eneagrama das paixões transmite a informação de que eles são alicerces da estrutura emocional, e que os estados demarcados entre eles podem ser explicados como interações desses três em diferentes proporções.

Podemos observar que a proposta de uma inércia psicológica como uma base da neurose reproduz a teoria do aprendizado da neurose como condicionante, enquanto os outros dois pontos do triângulo interno reproduzem a visão freudiana da neurose como uma transformação da ansiedade da infância e da visão existencial, que prefigura o ser não autêntico e a “má-fé” como a base da patologia.

As interconexões mostradas entre esses três pontos (sob a forma de lados do triângulo) constituem o que podemos chamar de conexões psicodinâmicas, de modo que

¹¹ Embora uma das metas dessa tradição de “trabalho sobre o eu” seja realizar uma mudança no controle do comportamento, trazendo o centro emocional inferior das paixões para um centro superior, um estágio ulterior é almejado: um deslocamento do “centro intelectual inferior” da cognição ordinária – permeado por visões errôneas da realidade formadas na infância (fixações) - Para o centro intelectual superior do entendimento contemplativo-intuitivo.

podemos dizer que cada uma fundamenta a seguinte numa seqüência demarcada por setas entre elas no sentido anti-horário. Se lermos essa seqüência psicodinâmica começando por cima, podemos dizer que a falta do senso de ser (implícita na inércia psicológica ou “robotização” da preguiça) priva o indivíduo de uma base a partir da qual ele possa agir, conduzindo desse modo ao medo. Não obstante, como precisamos agir no mundo, por mais que o tenhamos, nós nos sentimos impelidos a solucionar a contradição agindo a partir de um falso eu em vez de (corajosamente) sermos quem somos, perpetuamos o obscurecimento ôntico que, por sua vez, sustenta o medo, mantendo-nos no círculo vicioso.

Assim como os lados do “triângulo interno” indicam ligações psicodinâmicas entre os estados mentais demarcados nos pontos nove-seis-três-nove (nessa seqüência), ainda é preciso dizer que as linhas que ligam os pontos 1-4-2-8-5-7-1 também indicam ligações psicodinâmicas e que cada paixão pode ser compreendida como fundamentada na anterior.

Consideremos o caso do orgulho. É fácil perceber que, assim como a expressão de orgulho do indivíduo constitui uma tentativa de compensar uma insegurança com relação a seu valor pessoal, as pessoas orgulhosas, enquanto grupo, têm em comum uma repressão e compensação excessiva pela sensação de inferioridade e carência dominantes na inveja. Já no caso da inveja, podemos falar da raiva que se voltou para dentro num ato de autodestruição psicológica. No caso do caráter irado e disciplinador, podemos perceber uma tentativa de defesa da atitude oral-receptiva, deteriorada ou autocondescendente da gula.

O tipo VII do eneagrama, por sua vez, com sua habilidade expressiva, seu poder de persuasão e seu charme parece o oposto da falta de jeito do tipo V do eneagrama e, no entanto, também pode ser visto como a saída, uma supercompensação da deficiência para a falsa abundância, semelhante àquela através da qual a inveja se transforma em orgulho. O caráter do tipo V, ou esquizóide, novamente, é o mais oposto possível do caráter confrontador, impulsivo, grosseiro e agressivo do vigoroso e rebelde tipo VIII, e no entanto é possível compreender esse afastamento das pessoas e do mundo como uma forma alternativa de expressão de vingança – a decisão vingativa de não dar seu amor para os outros e também a disposição vingativa de apagar o outro da sua vida interior. Finalmente quando consideramos o caráter valentão, provocador e excessivamente masculino do tipo VIII do eneagrama, percebemos uma vez mais que ele é exatamente o oposto do delicado, sensível e histriônico tipo II. Entretanto, a luxúria pode ser vista como uma exaltação e transformação do orgulho, na qual a dependência não apenas é negada mas também transformada numa atitude predatória, exploradora ou dominadora com relação aos outros.

Quanto à relação entre as paixões demarcadas como contíguas ao longo do círculo, é possível encarar cada uma delas como híbrido das duas que lhe são adjacentes. Assim, o orgulho pode ser encarado como híbrido da vaidade (uma preocupação excessiva com a auto-imagem) e da raiva – onde a raiva está implícita como uma auto-elevação afirmativa diante dos outros; a inveja, por sua vez, pode ser compreendida como híbrido da vaidade com o sentido de empobrecimento da avareza, cuja combinação resulta na sensação de não se ser capaz de viver de acordo com as exigências da vaidade.

Em vez de caracterizar as paixões – o que espero fazer nos capítulos sucessivos deste livro à medida que eu descrever a disposição caracterológica na qual elas predominam – direi apenas que precisamos retornar ao significado original das palavras tradicionais. A “raiva”, por exemplo, será usada aqui como um antagonismo mais interno e básico diante da realidade do que uma irritação explosiva; a “luxúria” mais como uma inclinação para o sexo ou até para o prazer: uma paixão pelo excesso ou uma qualidade

apaixonada excessiva com relação à qual a satisfação sexual é apenas uma das possíveis fontes de gratificação; analogamente, a “gula” não será compreendida aqui em seu estreito sentido de uma paixão pela comida, e sim no sentido mais amplo de uma tendência hedonista e uma insaciabilidade; e a “avareza” poderá ou não incluir a avareza em seu sentido literal e designará um apego temeroso e ganancioso, uma alternativa retraída para o apego extensivo da luxúria, da gula, da inveja e de outras emoções.

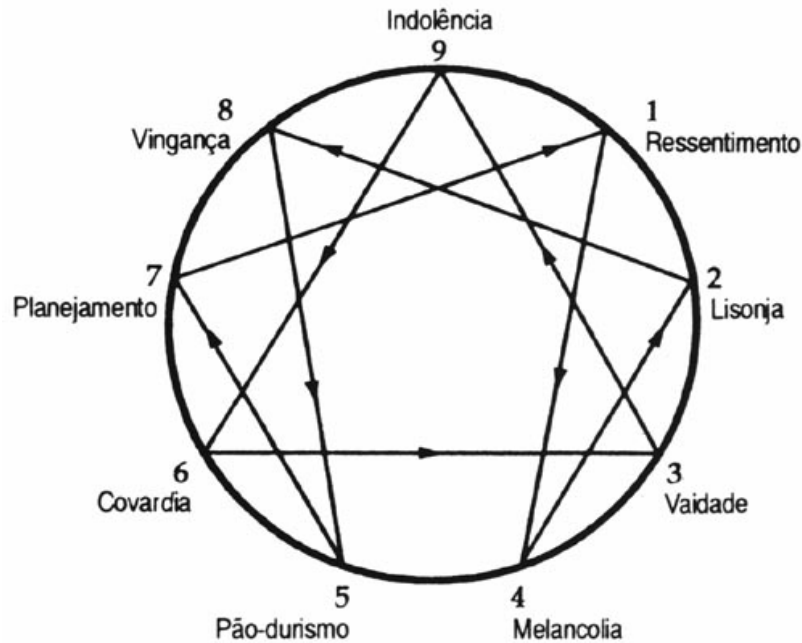
Embora o eneagrama das paixões exiba graficamente a informação de que existem em cada indivíduo nove formas básicas de motivação de deficiência como um sistema de componentes interdependentes, a visão de caráter elaborada neste livro envolve um postulado complementar- de que em cada indivíduo uma das paixões (e a fixação correspondente) é dominante. Entretanto, ao contrário da opinião de alguns teólogos cristãos de que existe uma hierarquia de gravidade entre os pecados capitais – e também ao contrário da perspectiva da psicologia contemporânea de que os tipos de caráter (nos quais esses diferentes estados mentais são mais nítidos) não apenas surgem em diferentes estágios de desenvolvimento, mas também são mais ou menos graves ou patológicos do que outros – esta perspectiva do “Quarto Caminho” assegura que as paixões são equivalentes tanto sob o aspecto ético-teológico quanto sob o do prognóstico. Esta afirmação pode ser traduzida como indicando que enquanto alguns tipos de caráter podem ser tratados com mais sucesso do que outros pela psicoterapia e interpretações da mente dos nossos dias, o caminho da transformação não é radicalmente melhor ou pior para as diferentes personalidades sob o aspecto das abordagens tradicionais do trabalho sobre o eu e da meditação.

4. Estilos de Distorção Cognitivos

Apesar de seu significado não ser idêntico ao que Freud lhe atribuiu, a palavra “fixação” traz à mente a idéia de que é através do distúrbio cognitivo que ficamos mais “empacados” – cada fixação constituindo, por assim dizer, uma racionalização para uma paixão correspondente. Enquanto as paixões representam a essência primitiva da psicopatologia a partir da qual emergiu a esfera das fixações, de acordo com esta perspectiva, são as fixações que sustentam no presente as paixões.

Ichazo, definiu as fixações como defeitos cognitivos específicos – facetas de um sistema delusório no ego-mas os nomes que ele deu a elas refletem algumas vezes a mesma noção que refletem as paixões dominantes ou as características associadas que não satisfizeram sua própria definição. Reproduzo na Figura 9 o eneagrama de fixações de acordo com Ichazo conforme relatado por Lilly em *Transpersonal Psychologies* de Tart.¹²

¹² Capítulo “The Arica Training”, de John C. Lilly e Joseph E. Hart, em *transpersonal Psychologies*, editado por Charles Tart (El Cerito, CA: Psychological Processes, 1983).



Pode ser visto aqui a referência ao ressentimento no ponto 1 é praticamente redundante com relação à “raiva”, e no caso do ponto 2, a adulação se refere principalmente à “auto-adulação”, a qual é inseparável do auto-engrandecimento do orgulho. No caso do ponto 3, Ichazo forneceu palavras com significados significativamente diferentes para os aspectos emocional e cognitivo de um caráter, e no entanto eu questioneei o fato de ele atribuir a inquietação envolvida na busca da realização à esfera da fixação e o logro à esfera emocional das paixões.¹³

Na nomenclatura “mendelejeffiana” proposta em Arica, que usa termos que começam com a palavra “ego” e contém as primeiras letras da fixação, a designação “ego-melan” efetivamente contém informações diferentes da inveja, pois ela faz referência ao aspecto “masoquista” do caráter em questão, a procura do amor e do carinho através da intensificação da dor e do desamparo. No entanto, no ponto 5, a palavra que ele propõe, “pão-durismo”, deixa de ir além do âmbito da avareza. O caso do ponto 6 é o mesmo, pois a palavra “covardia” não fornece muito mais informações do que a paixão do medo. Embora “covardia” transmita um significado de “medo diante do medo”, preferi encarar a acusação, especialmente a auto-acusação, como o problema cognitivo central do tipo VI do eneagrama, conforme eu elaboro no capítulo correspondente.

Quando ouvi pela primeira vez Ichazo ensinar a protoanálise em suas palestras no Instituto de Psicologia Aplicada, a palavra que ele usou para a fixação no ponto 7 foi *charlataneria*, charlatanismo em espanhol. Mais tarde, ao se dirigir a uma audiência de falantes do inglês, ele chamou a personalidade de “ego-plan”. O planejamento evoca a tendência do tipo VII de viver de projetos e fantasias, e de substituir a ação pela imaginação.

¹³ No capítulo sete, proponho a adequabilidade de encarar a vaidade como pertencente à mesma esfera do orgulho (uma paixão por ser aos olhos do outro, em vez de uma paixão pela auto-inflação) e de encarar o logro e o auto-engano como o aspecto cognitivo do tipo III do eneagrama (em virtude do qual o indivíduo se identifica com o falso eu).

Ao falar sobre “ego-venge”, Ichazo aponta para uma disposição caracterológica que pode ser encarada como central no tipo correspondente, e fornece informações complementares à do seu aspecto “vigoroso”: o tipo VIII do eneagrama não apenas é dionisíaco e apaixonado, mas também duro e dominante, portador de uma visão preconceituosa da vida como a de um luta na qual os poderosos são vencedores.

No caso do ponto 9, uma vez mais a palavra “ego-in” de Ichazo, referente à indolência, é redundante com relação à “preguiça”, a palavra usada para a paixão dominante. Se a preguiça for compreendida como inércia psicoespiritual – semelhante a uma automatização da vida e uma perda de interioridade – a convicção implícita que sustenta a estratégia de vida do tipo IX do eneagrama pode ser considerada como enfatizando exageradamente o valor da abnegação e da super-adaptação.

Uma ênfase levemente diferente entra em ação se escolhermos nomes para as fixações considerando a identificação sugerida por Ichazo entre elas e a “principal característica” de cada tipo de personalidade. As palavras na Figura 10 se encaixam nas duas definições de “fixação”; elas são apropriadas para designar a característica que mais se destaca na estrutura de caráter correspondente e podem ser compreendidas como inseparáveis de uma operação cognitiva.



Desse modo, a simulação (termo mais apropriado do que “logro” neste contexto) envolve enganar a si mesmo e também fingir para os outros, e uma confusão cognitiva entre o qual é o caso e aquilo que se afirma ser verdade. No caso da vingança também existe uma referência à principal característica da punibilidade no tipo VII do eneagrama, e também a uma visão implícita – inseparável dela- de que a irracionalidade procura corrigir o passado através de uma retribuição do dano ou da mágoa no presente.

No caso da falsa generosidade e satisfação do tipo II do eneagrama, isso também pode ser encarado como a principal característica a um erro cognitivo da parte da pessoa, semelhante ao fingimento. O mesmo pode ser dito a respeito da característica autofrustrante

do tipo IV do eneagrama, que envolve olhar para o que está faltando ao invés de perceber o que existe, e do desapego do tipo V do eneagrama, inseparável de uma visão de que é melhor “ficar sozinho”.

Por mais verdadeiro o fato de que novas características propostas acima são centrais para os tipos de caráter e podem ser consideradas à partir de um ângulo cognitivo, sinto que mais precisa ser dito a respeito dos valores, suposições e crenças implícitos de cada um dos tipos de caráter.

Podemos dizer que qualquer um dos estilos interpessoais nos quais as paixões podem se cristalizar envolve uma proporção de idealização; uma perspectiva oculta de que essa é a maneira de viver. No processo psicoterapêutico, algumas vezes é possível recuperar a memória de uma época em que a pessoa tomou a decisão de se vingar, de jamais amar de novo, de viver sozinho e nunca mais confiar em ninguém, e assim por diante. Quando isso é possível, podemos ainda tornar explícitas muitas idéias que a pessoa venha tomando como verdades a partir de então e que podem ser questionadas; computações de uma criança com dor e em pânico que precisam ser revistas, como propõe Ellis em *Rational-Emotive Therapy*.

Talvez possamos dizer que em cada estilo cognitivo é moldado pela característica já descrita no eneagrama das principais características ou fixações, mas, no entanto, existem varias suposições dentro desse estilo cognitivo, e cada uma dessas suposições, por sua vez, é algo que tomamos como certo, e cada uma gera distorções perceptivas e falsos julgamentos no decorrer da vida do dia-a-dia, como propôs Beck com seu conceito de pensamentos automáticos. Apresento a seguir, por exemplo, uma lista incompleta de suposições tipicamente relacionadas com os tipos de eneagrama.

No tipo I, o indivíduo sente que não pode confiar nos impulsos naturais, e sim controla-los, e que o dever é mais importante que o prazer. Este último, com efeito, tende a ser encarado como um valor negativo no sentido de que ele interfere com o que precisa ser feito. Além disso, as noções de bondade e correção são implicitamente autoritárias, no sentido de que são extrínsecas à sua experiência.

No tipo II, encontra-se implícita a idéia de que tudo é permissível em nome do amor (Como foi dramatizado por Ibsen em sua famosa peça *The Doll House*, a qual a heroína não conseguia entender que o fato de ela assinar o nome de seu falecido pai num cheque poderia incomodar o banco, visto que tudo fora feito com boas intenções). Para sustentar essa perspectiva, por sua vez, a pessoa veio a acreditar que a emoção é mais importante que o pensamento, e quando os dois entram em conflito, é o pensamento que deve ser menosprezado. É coerente também com o comportamento do indivíduo que ele também sinta que é necessário ter na vida uma atitude sedutora, que é válido manipular os outros considerando a maneira como as pessoas são. Além de se sentir especial, a pessoa sente que, em vista disso, ela merece privilégios e atenções especiais. Uma suposição pouco provável de ser consciente na mente do indivíduo, mas que pode ser muito importante, poderia ser expressa como: “Eles não poderiam viver sem mim”. Minha atenção foi recentemente atraída para isso através dos comentários de um conhecido que, depois de voltar à vida cotidiana após um retiro espiritual, comentou que tinha ficado extremamente chocado ao ter o *insight* de que o mundo tinha continuado sem ele. Em outras palavras, ele não era indispensável, e o fato de ele ter removido sua extraordinária presença do mundo e não ter estado presente para oferecer suas iluminadas opiniões não foi catastrófico.

No caso do tipo III, é comum o indivíduo sentir que o mundo é um teatro onde todo mundo está fingindo. É claro que o fingimento é o único caminho para o sucesso. Um

corolário disso é que os verdadeiros sentimentos não devem ser expressos. Esta última declaração poderia ser descrita como: “não devo ter problemas”; isso pode ser compreendido como o resultado da noção de que com problemas a companhia não seria tão agradável aliada a uma supervalorização do prazer. Mais fundamental, na minha opinião, é a suposição errada de que a medida do valor é o sucesso: o que o mundo valoriza tem valor objetivo e deve ser valorizado. Outro componente da perspectiva do tipo III é uma desesperança que sustenta o otimismo do caráter. Existe a sensação de se ter de ficar por cima, porque as coisas não iriam bem sem esta vigilância, e o indivíduo também tem a sensação de que não haveria lugar para ele se ele não fosse útil.

Creio que a mais louca das suposições do tipo IV é a noção implícita de que revisando o passado e se lamentando pode ser possível modifica-lo. Existe a necessidade de um entendimento mais profundo de que não adianta chorar pelo leite derramado. Existe também a suposição de que quanto maior a necessidade, maior o direito de ser amado, e uma idealização concomitante do sofrimento (quanto mais eu sofro, mais nobre eu sou). A suposição mais aparente é a sensação de não ser tão bom quanto os outros – que é uma perspectiva inseparável da comparação invejosa. Além disso, o indivíduo pode ter a sensação de que a vida lhe deve uma compensação pelo sofrimento que ele experimentou.

Uma convicção típica do tipo V do eneagrama poderia ser expressa da seguinte maneira: “É melhor ficar sozinho”. Existe a sensação de quanto menor o número de compromissos, maior a possibilidade de que a liberdade e a felicidade tenham lugar, e a visão das pessoas como sendo movidas pelo interesse próprio em seu amor aparente. Há também a sensação de que é melhor salvar a energia e os recursos de uma possibilidade futura, e que isso é melhor do que um envolvimento presente; e o medo de que através da generosidade, a pessoa possa acabar sem nada. Ainda outra convicção do tipo V do eneagrama é que é melhor precisar de pouco para não se tornar dependente de alguma coisa ou de alguém.

Alguma das suposições mais aparentes do tipo VI do eneagrama estão ligadas a um subtipo particular como, por exemplo, a sensação esquiva de não ser capaz de vencer com os próprios recursos, ou o senso de autoridade do contrafóbico como uma saída, a autoridade pessoal como uma segurança. O mais fundamental, contudo, é que não se pode confiar nas pessoas, e existe a sensação de que as próprias intuições e desejos devem ser questionadas. A autoridade é excessivamente valorizada, mas não é percebida como sendo necessariamente boa. Ela é geralmente (de um modo ambivalente) ao mesmo tempo boa e má.

No tipo VII do eneagrama existe a forte sensação de que se está bem e de que os outros também estão bem. A tendência otimista é comparável à tendência pessimista do tipo IV. Nada é seriamente proibido para aquele que é tolerante consigo mesmo, pois existe a sensação de que a autoridade é má e a pessoa esperta pode fazer o que quer. Existe também a sensação de se ter direitos através do talento, e uma profunda convicção de que a melhor maneira de ter êxito é por meio do charme pessoal.

A visão de mundo do tipo VIII do eneagrama é de uma luta onde os fortes são vencedores e os fracos fracassam. Além disso, é necessário ser destemido para ter sucesso, e também ser capaz de correr riscos. Assim como o tipo VIII supervaloriza a força e desmerece a fraqueza, ele atribui um valor excessivo à auto-suficiência e denigre a dependência. O tipo VIII sente que é válido causar sofrimento durante a busca da sua satisfação, uma vez que subsiste uma qualidade vingativa relacionada com uma época em que foi a vez dele de sofrer para a satisfação de outros. Se queremos alguma coisa, vamos

em frente e a pegamos, não importa o que possa estar no caminho pensa ele. E ele também pensa que “o que as pessoas chamam de virtude não passa de hipocrisia”. Para o sensual indivíduo VIII, os obstáculos da autoridade social são o inimigo, e devemos agir de acordo com os nossos impulsos.

O adaptável tipo IX do eneagrama não apenas sente mas pensa que quanto menos conflito existir, melhor, e que também é melhor não pensar demais para evitar o sofrimento. Um corolário de evitar o conflito, portanto, é a tendência de se conformar e apoiar uma ideologia conservadora. Num nível mais profundo e correspondentemente menos racional, contudo, existe no indivíduo o pensamento de que é melhor se embotar do que correr o risco de ser morto. O tabu sobre o egoísmo não é algo que existe apenas no nível do sentimento, mas também no intelectual. A pessoa acredita que não é bom ser egoísta e que devemos nos submeter às necessidades dos outros. Um lema para o tipo IX poderia ser o seguinte: “não ponha em risco a harmonia existente”.

Por mais verdadeiro que seja o fato de que cada estilo interpessoal envolve uma tendência cognitiva- no sentido de uma suposição implícita de que essa é a melhor maneira de ser – minha impressão é que isso não exaure uma análise do aspecto cognitivo da orientação de cada personalidade, e portanto, como participei no meu Preâmbulo, estarei examinando do começo ao fim do livro, além das fixações e mecanismos de defesa, o que eu chamo de “ilusões”: erros metafísicos, concepções errôneas implícitas com relação ao ser.

Chamei a visão que eu exponho nas seções denominadas “Psicodinâmicas Existencial” de “Teoria da Neurose de Nasrudin” como referência à anedota sobre a chave perdida.

Dizem que o mula estava de quatro procurando alguma coisa em um dos becos do mercado. Um amigo juntou-se a ele na sua busca (conforme o mula explicou) da chave de sua casa. Somente depois que um longo tempo havia se passado sem nenhum sucesso, o amigo teve a idéia de perguntar a Nasrudin: “Você tem certeza que perdeu a chave aqui?” E ele respondeu: “Não, tenho certeza que perdi em casa.”. “Então por que você está procurando por ela aqui?”, perguntou o amigo. “Porque aqui está mais claro!” -explicou o mulá.

A idéia central deste livro, portanto, é de que estamos procurando pela “chave” no lugar errado. O que é essa “chave” para nossa libertação e suprema realização? Do começo ao fim destas páginas eu a chamo de “Ser”, embora fosse possível afirmar com justiça que dar a ela esse nome é por demais limitado e limitante. Podemos dizer que somos, mas não temos a experiência de ser, não sabemos quem somos. Ao contrário, quanto mais intensamente examinamos nossa experiência, mais descobrimos em sua essência uma sensação de carência”um vazio e insubstancialidade, uma falta de identidade ou de ser. É da falta da sensação percebida do ser – na minha opinião- que deriva a “ motivação de deficiência”, o impulso oral básico que sustenta toda a árvore da libido

A libido neurótica não é Eros, como propôs Freud. Eros é a abundância, e a deficiência é a busca da abundância, a motivação ordinária. Incluída na denominação de libido está a palavra “passional”, e as “paixões” que transpõe o espectro da motivação neurótica são, aproximadamente falando, “derivadas do instinto”. Mais exatamente, elas

são a expressão de um empenho em recobrar e sensação de ser que foi perdida através da interferência do organismo.¹⁴

Pode ser dito que existe uma psicodinâmica original na ocasião da gênese do caráter na infância e uma psicodinâmica sustentadora na idade adulta, e propõe que elas não são idênticas. Enquanto a psicodinâmica original constitui uma resposta à questão crucial de sermos ou não amado – ou mais especificamente uma resposta à frustração interpessoal, podemos dizer que não é principalmente uma frustração amorosa o que sustenta a motivação de deficiência no adulto, e sim uma experiência de carência baseada num vácuo ôntico, que se autoperpetua e na auto-interferência existencial correspondente.

Uma declaração para a análise sistemática de todas as estruturas de caráter à luz do obscurecimento ôntico e a “busca do Ser no lugar errado” foi a perspectiva de Guntrip,¹⁵ onde ele escreve: “A teoria psicanalítica teve durante muito tempo a aparência da exploração de um círculo que não tinha um centro obvio, até que surgiu a psicologia do ego. A exploração teve que começar com os fenômenos periféricos – comportamento, disposições do ânimo, sintomas, conflitos, ‘mecanismos mentais’, impulsos eróticos, agressão, medo, culpa, estados psicóticos e psiconeuróticos, instintos e impulsos, zonas erógenas, estágios de amadurecimento e assim por diante. Tudo isso é naturalmente importante e precisa encontrar seu lugar na teoria total, mas na verdade tudo é secundário com relação a um fator absolutamente fundamental, que é a ‘essência’ da ‘pessoa como tal’”.

É o sentimento da ausência dessa essência que estou postulando como o núcleo de toda a psicopatologia.¹⁶ Esse fator fundamental na raiz de todas as paixões (motivação de deficiência) é uma sede de ser que existe lado a lado com uma vaga apreensão da perda do ser.

Acrescentarei apenas a essa teoria, nesse ponto, a asserção de que onde quer que o “ser” pareça estar, ele não está; e que o ser só pode ser encontrado da maneira mais improvável: Através da aceitação do não-ser e de uma jornada através do vazio.

¹⁴ Em coerência com a noção de uma perturbação do eu subjacente aos distúrbios narcisistas de Kohut, porém mais geral, a visão detalhada aqui percebe essa “perturbação do eu” como a essência de cada forma de psicopatologia, e não apenas o resultado inevitável da fragmentação como também a perturbação mais geral da auto-regulação própria do organismo a ela subjacente.

¹⁵ Op. Cit.

¹⁶ Guntrip utiliza o termo *ego* “para denotar um estado ou condição de desenvolvimento do todo psíquico, da totalidade do eu. “Ego” expressa a auto-realização da psique e cada processo psíquico possui uma ‘qualidade do ego’, seja a de um ego fraco ou forte.”(p.194, op.cit.). Sobre a fraqueza do ego, Guntrip escrevo o seguinte: “Existe um maior ou menor grau de imaturidade na estrutura de personalidade de todos os seres humanos, e esta imaturidade é vivenciada como uma explícita fraqueza e inadequação do ego”. Ele também escreve: “A sensação da fraqueza surge de uma ausência de sentimentos confiáveis com relação à própria realidade e identidade como um ego”. (p. 176, op. cit.). É claro que escolhi falar sobre o “ser” ou “senso de ser” em vez de “ego” ou “auto-identidade” para a essência da pessoa saudável, e de “deficiência ôntica” ou “obscurecimento ôntico” para a essência da neurose – em vez de adotar a “insegurança ôntica” de Laing ou a “fraqueza do ego” de Guntrip, ambas as quais evocam uma nuance específica (tipo VI do eneagrama) de uma experiência mais universal.